

O Grupo "Cinema da Boca do Lixo" consegue realizar seus filmes. Primeiro As Libertinas, em três episódios e dirigidos por Antonio Lima, Carlos Reichembach e J. Callegaro. De acordo com o depoimento de Jairo Ferreira, a idéia era inventar alguma coisa nova, um novo filão (ainda que neste caso a inspiração tenha sido o cinema erótico francês da época) que interessasse o público. Pelo visto os resultados correspondem, pois As Libertinas permaneceu várias semanas em cartaz nos cinemas centrais. Uma das atrações e inovações do filme foi sem dúvida a divulgação e as frases promocionais boladas pelo grupo e que, ao que parece, fizeram escola. Os anúncios publicados na imprensa: "um filme SEXO de João Callegaro (sexo-diretor), Carlos Reichembach (sexo-diretor), Antonio Lima (sexo-diretor) ... Três sexo-estórias: 1º sobre sexo; 2º sobre sexo; 3º sobre sexo ... "Todos gostam da beleza! Todos apreciam a ousadia! Todos vão gostar de ... As Libertinas ..."

Jairo considera As Libertinas um marco, o filme que deflagrou o movimento erótico, pelo menos na sua versão paulista. É difícil avaliar o quanto um filme como este pode ter influenciado, mas de qualquer forma o modelo — produção barata + erotismo — dera certo e nenhum produtor ou candidato a ... , iria ignorar o fato. Mas o que parece ser decisivo para o incremento da produção, e isso não se pode esquecer, é a criação, em 1966, do INC (Instituto Nacional do Cinema) e o surgimento da lei de obrigatoriedade reservando uma parcela do calendário ao filme brasileiro no circuito comercial. Esses fatores representam uma garantia mínima de sobrevivência do cinema brasileiro. Além disso, o final da década de 60 anuncia claramente que o cinema erótico — pelo menos nos EUA e Europa — iria tirar muitos produtores das dificuldades dos anos anteriores. O produtor brasileiro, fiel tradutor das ondas internacionais ao "nosso jeitinho" não está desatento às novas formulações. Ele só espera que alguém comece ...

Para o cinema brasileiro, às voltas com mais uma de suas crises cíclicas, a onda erótica, via filmes franceses e comédias italianas de Viccaro chega no momento exato. Até 1972, ano do sucesso de A Viúva Virgem, a produção de pornochanchada se orienta por um empirismo total.⁽⁸⁾ O filme de Rovai (um paulista a esta altura já radicado no Rio), considerado hoje um clássico no gênero, vai afastar as últimas hesitações que porventura persistissem, em relação à viabilidade econômica desse filão que batia à porta dos produtores. Já não existem mais dúvidas quanto às possibilidades desses filmes junto ao grande público e em São Paulo — distante dos órgãos oficiais de financiamento — é hora de investir.

A confluência na Boca, de pessoas de origem distinta e manifestando pontos de vista divergentes, criou um ambiente estimulante e efervescente que durou até 1972 mais ou menos. Era possível cruzar, nas calçadas da rua do Triunfo, com Roberto Santos, Luiz Sérgio Person, João Batista de Andrade, Oswaldo Mendes, Francisco Ramalho, produtores, distribuidores, gente desempregada e, é claro, o pessoal do "cinema da Boca do Lixo" ou cinema marginal, sempre o mais ativo e disposto a movimentar o ambiente, ainda mais que era integrado por dois jornalistas que divulgavam nas suas respectivas publicações as idéias de um novo cinema. Jairo Ferreira, sob pseudônimo de Marshall Mac Gang, escrevia no "São Paulo Shimbun", periódico destinado à colônia japonesa, que lhe concedia espaço para escrever à vontade num livre exercício de criação. O outro era Antonio Lima, do "Jornal da Tarde". Os jornais, que já haviam anunciado amplamente o coquetel de pinga oferecido por Candeias para o lançamento de "Meu Nome é Tonho", dão espaço a uma nova iniciativa: O "Prêmio Ferradura" (de ouro, de prata e de bronze) destinado aos piores filmes do ano. Lima, Candeias, Bernardo Vorobov, Mojica, Carlos Reichembach, lançam a idéia com a finalidade evidente de tirar a Boca de seu comodismo e sonolência. Os críticos da imprensa paulistana convidados a participar do júri, se mostraram reticentes. Candeias, premiado com o Air France pela direção de "A Herança", explica através da coluna de Leon Cakoff no "Diário da Noite", que o troféu não era depreciativo, "tanto que tem muita gente gostando da idéia", dizia. "A verdade é que o clima de hostilidade existe, porque o cinema que fazemos vai muito mal. E como acho que devemos reconhecer isso, nada melhor que começar a divulgar e 'premiar' os piores filmes de cada ano".⁽⁹⁾ Ainda no primeiro semestre de 1972, são anunciados os prêmios para os filmes exibidos em 1970/1971 na capital:

1970

Ferradura de ouro (pior filme) / As Gatinhas, dirigido por Astolfo Araújo.

Ferradura de prata (filme menos pior) / Uma Pistola Para D'Jeca, Mazzaropi.

Ferradura de bronze (o melhor entre os piores) / Audácia, dirigido por Antonio Lima e Carlos Reichembach.

1971

Ferradura de ouro / Um Certo Capitão Rodrigo, dirigido por Anselmo Duarte.

Ferradura de prata / Idílio Proibido, Konstantin Tkaczenko, Cinedistri.

Ferradura de bronze / Se Meu Dólar Falasse, Carlos Coimbra.

(8) CINEMA brasileiro procura afirmar-se, abusando do erótico. O Estado de São Paulo, 19 dez. 1972.

(9) O MELHOR cineasta nacional aponta os piores. Diário da Noite, São Paulo, 11 jul. 1972.